Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....................	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1055

20 de Abril de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus,
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CAPITÃO HENRIQUE MITCHELL DE PAIVA COUCEIRO

Governador Geral de Angola

(Fotografia de Camacho)

Chronica Occidental

Quem havia de dizêr-nos, ainda ha bem pouco tempo, que as sciencias ocultas tão grandemente viriam a desenvolver-se entre nós! Sabia-se que para isso nos faltavam condições fundamentaes de raça. Tinhamos uma vida interior pouco intensa, e não comprehendiamos ou eramos naturalmente avêssos ao misterio, só querendo espanejar-nos ao sol e detestando tudo quanto nos cheirasse a oculto ou sobrenatural.

Pois até nisto mudámos, e sabe-se quanta intensidade estão tendo agora, no seio de muitas das nossas familias, os exercicios do mediumnismo, com ramificações já na litteratura pelos livros e audacias de polemica pelos jornaes.

A outra vida ou o além é, hoje como hontem, uma das interrogações que mais insistentemente irrompem no espirito dos homens. Rarissimos encaram a morte, como a simples paralisação do exercicio organico e principio da vida dos invisiveis microbacidas — diz um dos nossos mais formosos espiritos — rarissimos crêem que tudo se transforme, perdidas as anteriores condições atonomicas. O theorema chimico acceita se nos manuaes do liceu e nos compendios medicos; no fôro da consciencia, porém, de modo nenhum. Pois então ha-de terminar absolutamente o nosso destino? pergunta-se. Depois de entrarmos no misterioso laboratorio do não-ser, depois da dissolvencia da materia, deve recusar-se-nos uma outra existencia infinitamente melhor que a de cá-de baixo? Ter de regressar á treva? Não, não póde ser!

A este idealismo apegam-se os mais illustres scientistas, como todos os que estudam, deixando para os pseudos-filosofos e para os sabios de pé-fresco as grosseiras affirmações materialistas. E abraçam-no quantos reconhecem como elle ainda póde para refrear instinctos criminosos, contrariar as más taras, evitar degenerescencias, rehabilitar delinquentes.

Já muito antes de serem lidas as theologias e as metafisicas, não faltou quem acreditasse na communicação dos vivos com os espiritos dos desapparecidos. Como uma sciencia occulta, velhas doutrinas nos vieram da India, do Egypto, da Grecia, expandiram se em dado ensejo e nestes nossos dias de indifferença pelas noções menos positivas, de motivos de mofa que eram, volveram-se nos em objecto de estudo profiado. Avultam os hermetistas europeus e americanos, surgem livros e jornaes, repetem-se factos, entra se, afinal, na crença de que sobrevivem os que nos foram queridos...

São do dominio do espiritismo, que é uma theoria e uma religião, factos apparentemente absurdos, taes como o movimento de objectos sem contacto visivel, a escripta automatica, a desagregação da materia, as incarnações, as apparições de fantasmas, etc.

Os fenomenos d'esta natureza dão-se quasi sempre na presença de individuos dotados do poder especial de dominar a materia e crear formas. Nos velhos tempos da sciencia hermetica taes nomes eram respeitados como magos, na Meia Edade fôram perseguidos e queimados como feiticeiros, agora são adorados pelos espiritas e martirisados e suspeitados pelos sabios como mediums. Os espiritas dizem que o poder delles resulta de que os espiritos os escolheram como seus linguas entre os mortaes; os catholicos crêem que são creaturas ao serviço de Satanaz; os occultas affirmam que são machinas desenvolvendo e exteriorisando a vida; os positivistas asseguram que são mestres de força psichica, e chamam ao espiritismo «psichismo». Lombroso, com toda a sua escola psichiatrica italiana, suppõe que nelles, como em todos os misterios, a excitação de certos centros, fortalecida pela paralisia dos outros, póde transformar as forças psichicas em força luminosa e em força motriz. Max Nordau dirá simplesmente que são desequilibrados. Em resumo, tudo isto parece querer dizer que a vontade é que faz tudo, e que um medium não é mais do que um hipnotico, que se auto-sugestiona e que tem o poder de objectivár os sonhos da sua vida somnambulica.

Os primeiros fenomenos observados fôram os de tipologia, isto é, movimentos e pancadas em uma meza quando o medium e outras pessoas estão sentadas á roda della e com as mãos postas em cima, formando cadeia. São os fenomenos mais vulgares, que toda a gente póde produzir sem grande esforço.

Faraday pretendeu explicá-los dizendo que a trepidação muscular dos dedos era bastante para imprimir ao movel uma certa rotação. Babinet e

Chevreul manifestaram-se no mesmo sentido, mas bem depressa as suas theorias se tornaram insustentaveis, porque se conseguiu levantar as mezas sem contacto de especie alguma.

Mas a breve trecho não eram já só as mezas que se moviam. Qualquer outro objecto como ellas pesado, um bahu, uma cama, um armario, uma cadeira, uma campainha, um copo, eram susceptiveis de mover-se, sob a vontade do seu medium, e sem contacto visivel nem tangivel.

Outro fenomeno espirita é a escripta automatica, que consiste em que o medium, conservando a mão como morta sobre um papel, e um lapis entre os dedos, põe-se a escrever automaticamente mensagens dos espiritos.

Paralelamente á escripta automatica ha a escripta directa ou psichografica, em que, segundo os espiritas, é o Espirito, só, e mais ninguem, que escreve. E este é um dos mais extraordinarios fenomenos do espiritismo, e em que os sabios mais se enfronham.

Outro fenomeno, a que uns chamam extase e outros incarnação, tem relações muito intimas com a auto-sugestão, tão intimas que até por vezes se confundem. O medium muda de attitude e de voz, transforma-se rapidamente, parece outro individuo; e ha quem diga que chega ás vezes a falar um idioma que não conhece. Os espiritas affirmam que o medium é substituido animicamente por um espirito. Os celebres e tão discutidos casos de possessos, corpos abertos, e outros, pertencem a esta classe.

De muitos factos se conclue, pois, nitidamente que ha uma força originaria e dependente do homem que actua sobre objectos e pessoas quando as acções não são reciprocas e o medium actua com consciencia — produzindo perturbações apparentemente contrarias aos fenomenos naturaes que dia a dia observamos. Essa força, que alguns sabios denominam ambiguamente força psichica, e que parece provir do sistema nervoso, existe mais ou menos na generalidade das creaturas humanas, e é susceptivel de desenvolvimento por uma educação adequada, como o provam os admiraveis prodigios executados pelos yoghis, fakires e mediuns mais poderosos.

Pergunta-se agora: qual será a acção do espiritismo sobre os espiritos fracos?

E a resposta, dada por factos innumeros e indiscutiveis, é esta: evidentemente nociva, terrivelmente perigosa.

Rapidamente, ou a pouco e pouco, esses seres demasiadamente impressionaveis são emocionados pelos movimentos da meza, pelas suas pancadas e pelas suas respostas. E' a commoção que os impelle a dar uma intepretação precipitada a esses fenomenos curiosos, despertando em seu cerebro velhas recordações supersticiosas que se achavam como que mergulhadas no fundo da consciencia. Taes imagens, que se diziam esquecidas, voltam a sobrenadar como em um sonho, combinam-se e coordenam-se conforme as preoccupações e as esperanças misticas a que os praticos do espiritismo deram vida.

E como nos nervosos de cerebros pouco validos a fiscalisação da intelligencia diretriz é enfraquecida pela emoção, succede que o sonho toma rapidamente proporções d'um delirio allucinante, em que a sua personalidade psichica, o seu eu, se desagrega e esterilisa. Os exercicios do mediumnismo acabam por transformal-os em loucos que julgam pensar, falar, gesticular, escrever e andar independentes do arbitrio proprio, mercê da vontade d'um outro ser que crêem existir nelles...

As praticas espirituaes são perigosas principalmente para os *sujets* cerebralmente fracos, para todos os nevropathas, mesmo para os simples emotivos. Estes são muitas vezes incapazes de observar, puramente e simplesmente, um fenomeno, pois substituem por sentimento a attenção e o raciocinio de que apenas hão mister.

Escravos da sua emotividade, esses pobres nervosos, entre os quaes se pormiscuem, por vezes, verdadeiros desequilibrados e debeis, não offerecem a disciplina, ou faculdade de intellectualmente se dominarem, considerada indispensavel para tentar e acompanhar objectivamente as experiencias de mediumnismo.

Nesta ordem de fenomenos, ainda tão misteriosos, conforme o confessam os proprios sabios eminentes que se dedicam a estudal-os, não se trata de sentir emoções; é mister, primeiro que tudo, desconfiar das proprias sensações; depois, é necessario observar, raciocinar e só avançar d'um facto para outro com uma extrema prudencia objectiva.

Ora, justamente, as pessoas demasiado emocionaveis, demasiado impressionaveis, deixam-se enthusiasmar com facilidade, gostando pouco de raciocinar ou não o sabendo fazer. Galgam, sem querer, das permissas ás conclusões, com uma rapidez desesperadora. E está ahi o grande perigo. Por isso é racional excluir as praticas do espiritismo de seu regimen intellectual. Assim se lhes presta o serviço de afastar-lhes do caminho a casca de laranja em que infallivelmente o espirito lhes escorregaria, caindo no delirio e nas allucinações.

No problema dos perigos da evocação dos espiritos, o ponto essencial a ter em vista não é tanto o espiritismo, em si, como o individuo que a elle se consagra. Assim como ha pessoas que não podem comer maçãs cruas sem sentirem perturbações digestivas mais ou menos graves, assim ha creaturas cujo sistema nervoso não supporta o esforço de tenção cerebral exigido pela participação activa nas sessões das mezas falantes. Maneira de vêr esta que póde resumir-se assim: não é quem quer que endoidece por meio do espiritismo...

João Prudencio.

Capitão Henrique Mitchell de Paiva Couceiro

GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

Seria grande falta se o Occidente não viesse infileirar, na sua vasta galeria de retratos, o do capitão sr. Paiva Couceiro, que por tantos titulos bem merece a modesta homenagem que aqui se lhe presta, como a de todos os portuguêses que admiram e consideram aquelles que sabem honrar a sua missão bem servindo a patria.

E' destes Paiva Couceiro, o benemerito governador de Angola, que por sua dedicação e insenção no desempenho do dificil cargo que lhe foi confiado se tem distinguido de forma superior a todo o elogio.

Não somos nós que acomulamos frases ou rebuscamos adjetivos para lhe realçar os merecimentos, mas são os povos que o benemerito governador tem administrado, que vem publicamente manifestar seu reconhecimento e pedir, instar, representar junto do governo para que o sr. Paiva Couceiro continue á testa da provincia de Angola.

E' a população daquella provincia representada pela camara municipal de Loanda e pela sua Associação Comercial que dirige honrosas mensagens ao seu governador solicitando lhe instantemente que desista do pedido de exoneração do cargo.

Na mensagem da camara de Loanda lêem se periodos como este:

«E porque v. ex.ª é, acima de tudo, um patriota na completa significação do termo, a commissão municipal de Loanda espera e crê que v. ex.ª dentro de poucos mezes estará de novo ao lado dos colonos de Angola, nos rostos dos quaes v. ex.ª verá espelhada a grande satisfação que lhes dará esse ambicionado regresso, — satisfação que ganhará em intensidade se, como tão necessario é aos interesses da provincia, prejudicada ha muitos annos pelas mudanças de governo, v. ex.ª vier absolutamente resolvido a dedicar á provincia todo o seu esforço, sejam quaes forem as mudanças politicas esperadas no paiz.»

A Associação Comercial termina assim a sua mensagem:

«Ora esta ambição, cujo valor poderá ser contestado no tablado da politica, mas que tem o cunho de sincera por nascida de um anceio patriotico e de uma larga lição de experiencia, ha de decerto encontrar em v. ex.ª o melhor dos interpretes, já pelas circumstancias especiaes do actual momento historico da nacionalidade portugueza, já pela concepção por v. ex.ª mais de uma vez manifestada num pensamento que tanto nobilita os homens publicos e os filhos de uma patria: — acima de tudo o meu paiz — e o nosso paiz dizemos nós, ex.mo sr., não prescinde das superiores aptidões de quem como v. ex.ª muito o pode engradecer na vida colonial...»

Mas as manifestações de simpatia e de interesse da provincia não se limitam só á população de Loanda, mas a todos os concelhos, em mensagens, cartas e telegramas das camaras de Benguella, Catumbella, Ambriz, Santo Antonio do Zaire, Quissol, Ambaca, Dondo, Barra do Dande, Lucalla, Mossamedes, Canhoca, Callulu, etc., e de muitos funcionarios e particulares, subindo a alguns milhares de assinaturas.

Este movimento unanime dos povos de Angola prova claramente a boa administração do sr. Paiva Couceiro, interessando-se honrada e inteligentemente pelos progressos da grande provincia, que devia ser uma das mais ricas colonias portuguêsas e que, mau fado, tem sido tão descurada.

O sr. capitão Paiva Couceiro é um dos valorosos oficiaes que fez as Campanhas de Africa em Marracuene e Magul, onde se cobriu de gloria, tendo tambem ocasião de conhecer aquelle paiz e de avaliar as suas riquesas naturaes. E' por isso um africanista experiente e o seu nome indicava se bem para qualquer comissão em Africa ainda a mais importante.

Foi assim que, tendo falecido em 1 de maio do anno passado o governador geral de Angola, major Eduardo Costa, tambem africanista distinto, o governo nomeou o sr. capitão Paiva Couceiro para aquelle alto cargo, que, como se vê não podia recahir em funcionario mais competente.

No curto espaço de poucos meses logo se fez sentir na provincia a influencia do novo governador, por suas acertadas medidas, por sua energia e réta justiça.

E' sob o seu governo que se realisa o triunfo das armas portuguêsas no Cuamato e no Dembo, ha tantos annos em rebeldia com o governo da provincia. E' o sr. capitão Paiva Couceiro que resolve, emfim, a ocupação do Ambriz dirigindo elle mesmo a expedição formada com os recursos da provincia, indo á sua frente e expondo-se aos perigos da guerra como ás enclemencias das marchas em terras por desbravar onde tudo faltava, até agua, sem mais comodidades nem regalias que as do simples soldado; como um espartano (1).

Esta expedição, coroada do melhor resultado, abriu livremente ao comercio de Angola aquella região, de ha muito salteada pelo gentio que impedia as relações comerciaes para o interior do Ambriz.

Os trabalhos desta expedição abalaram um tanto a saude do sr. capitão Paiva Couceiro, a que veio juntar-se o dar em Loanda uma queda de um cavalo, com o que ficou muito mal tratado. Nestas circunstancias tudo aconselhava o sr. Couceiro a regressar á metropole para restabelecer a saude. Isto coincidindo com a queda do governo que o tinha nomeado, entendeu o brioso oficial dever pedir a exoneração do cargo.

Sabendo-se, porém, em Loanda, desta resolução logo ali promoveram as representações e enviaram as mensagens a que nos referimos e que são honrosos documentos para o sr. Couceiro, que em vista de tão unanimes e expontaneas demonstrações de simpatia e reconhecimento, retirou o pedido de exoneração que apresentara ao governo, mantendo-o este no cargo.

Para assumir de novo o governo da provincia partiu o sr. capitão Paiva Couceiro, no vapor *Africa* que sahiu em 1 do corrente.

O sr. Henrique Mitchell de Paiva Couceiro, nasceu a 30 de dezembro de 1861, filho do sr. general José Joaquim de Paiva Couceiro. Assentou praça em 14 de janeiro de 1878 e tendo feito o seu curso com distinção sahiu alferes de artilharia em 9 de janeiro de 1884, promovido a tenente em 27 de janeiro de 1886 e a capitão em 16 de maio de 1895.

Como ficou dito fez as campanhas de Africa de 1895 e 1896 em que se distinguiu valorosamente.

E' oficial ás ordens henorario de Sua Magestade El Rei. Cavalleiro, oficial e commendador da Torre e Espada e cavalleiro de Aviz. Tem as medalhas da Cruz de 1.ª classe de Merito Militar Espanhol; de ouro de valor militar, de prata das Expedição a Moçambique e da concedida ao merito filantropia e generosidade.

Interdição da Egreja de S. Domingos

As eleições para deputados, realisadas em Lisboa no dia 5 do corrente, vieram juntar mais uma pagina triste á historia da egreja de S. Domingos, pelos tumultos que ali houve e que mais uma vez transformaram aquelle antigo templo em campo de batalha, com seu cortejo de mortos e feridos a manchar o solo sagrado.

(1) Vidé Occidente, presente vol., pag. 53, artigo *Ocupação Militar do Ambriz*.

Assim como as pessoas, tambem as cousas tem boa ou má sorte. A egreja de S. Domingos foi seguramente mal fadada desde sua origem como em breves palavras vamos relatar, socorrendo-nos de uma noticia que encontramos no diccionario *Portugal*, na historia patria desde o Mestre de Aviz, e *Historia de S. Domingos*, por Frei Luiz de Sousa, etc.

Pouco depois de fundada a ordem dominicana por S. Domingos de Gusmão, foi esta introduzida em Portugal pelos annos de 1218, tendo a sua primeira casa no Monte Junto, cerca de Alemquer. Desta casa passaram os dominicanos para Santarem, donde vieram para Lisboa e requereram a El-Rei D. Sancho II, em 1241, para fundar o seu convento no local em que ainda hoje se vê a egreja de S. Domingos.

De acanhada fabrica foi este convento, cuja primeira pedra se lançou em fins de fevereiro de 1242.

Não tardou, porém, que o modesto cenobio fosse ampliado e enriquecido, pois que em 1249 D. Affonso III ordenou o acrescentamento da primitiva construção fazendo levantar um templo magestoso. Além disto deu aos frades as terras baldias que se estendiam para leste e norte do convento até o Campo de Sant'Anna e Corredoura, hoje rua de Santo Antão, (1) e para o sul as que compreendiam o local onde mais tarde se construio o Hospital de Todos os Santos e hoje está o mercado da Praça da Figueira.

Pelo que Frei Luiz de Sousa escreve na sua *Historia de S. Domingos* o mau fado perseguiu o convento desde sua fundação, principiando pela escolha do local pouco favoravel, pois que assentando n'uma baixa e tendo proximo o mar, acontecia que as aguas das chuvas que vinham do Campo de Sant'Anna, sobranceiro ao valle da Mouraria, produziam inundações, principalmente quando aquelles coincidiam com as marés vivas, o que impedia de dar vasante ás aguas originando cheias que evadiam o convento damnificando-o. As maiores cheias foram: as de 4 de janeiro de 1343; de 24 de outubro de 1384, cujas aguas subiram na cerca á altura de 18 palmos, entrando no convento onde fizeram grande ruina nas officinas, egreja, livraria e dormitorios; de 16 de setembro de 1488 que por egual damnificaram o edificio, não lhe valendo um largo cano que os frades tinham mandado fazer para vazão das aguas. El Rei D. Manoel acudio aos dominicanos mandando fazer algumas obras no convento, entre ellas a construção de um dormitorio em pavimento superior do lado do Rocio.

O terremoto de Lisboa em 26 de janeiro de 1531 que produzio grandes estragos na cidade, não poupou o convento de S. Domingos, especialmente a egreja que ficou muito arruinada, sendo preciso em 1566, apear parte da construção e de novo reedifical-a para o que concorreu o povo de Lisboa com avultada quantia.

Era então a egreja de tres naves com seis capélas por banda e capéla-mór. Suas decorações eram riquissimas, e possuia preciosas alfaias e paramentos. Tinha varias confrarias com suas capélas, sendo mais rica a de Jesus, cujos confrades eram pessoas de elevada posição da côrte e da cidade. As alfaias d'esta capéla eram de grande valor, contando entre outras uma custodia de ouro macisso, cuja luneta e resplandor media mais de um palmo de diametro com pé correspondente, dadiva do infante D. Luis, filho de El Rei D. Manoel. A imagem de Jesus, de quasi tamanho natural, estava sempre alumiada por sete lampadas de prata. Outra confraria era a de Nossa Senhora do Rosario cuja imagem era de prata e o andor, em que sahia na procissão, do mesmo metal, varas do palio e cinco lampadas que estavam sempre acesas. Nesta capéla se fazia todos os annos uma festa em que o perfume do poetico culto da Virgem não rescendia menos que o das rosas, pois em sua honra, no mez de maio, ali se benziam estas encantadoras flôres, que depois eram distribuidas ao povo.

Havia uma capéla dedicada aos Reis Magos e nella um retabulo que a tradição dizia ser mandado pintar por El-Rei D. Diniz. Mais dizia a tradição que a imagem da Mãe de Deus era o retrato da rainha Santa Isabel esposa de D. Diniz, e o Menino Jesus o retrato do principe D. Affonso que depois foi rei D. Affonso IV. Nesta capéla mandava celebrar D. Diniz a festa de S. Dionisio, até que fundou o convento de Odivellas.

Outra capéla era a de S. Jorge instituida pelos reis de Inglaterra, cuja confraria parece ter tido origem na egreja de Nossa Senhora dos Martires, por ocasião da tomada de Lisboa.

Em 1444 fundava se a confraria de Santa Cruz e Santo André com sua capéla muito rica. Esta confraria era composta de gente flamenga que, além do culto, praticava muitos actos de beneficencia.

Outras confrarias havia ainda na egreja de S. Domingos, mas sem capélas, como a da Casa da Suplicação, a da guarda tudesca, hoje archeiros, cujo padroeiro era S. Jacinto, a da Inquisição tendo por orago S. Pedro Martir, etc.

Com os tempos, esta egreja passou por grandes transformações que alteraram completamente o primitivo risco; assim, em 1724, Frei Antonio do Sacramento promoveu lhe obras que a modernisaram em harmonia com a arquitectura da epoca. Maiores obras lhe fizeram ainda em 1748, para as quaes largamente concorreu El-Rei D. João V, que á sua parte deu vinte e dois mil cruzados, além das somas com que o Estado auxiliou os trabalhos, feitos sob o risco do arquiteto João Frederico Ludovice e esculpturas de João Antonio de Padua, importando tudo em mais de cem mil crusados.

Uma grande parte, porém, deste trabalho e despeza se perdeu no terremoto de 1755, o qual causou muito damno a todo o edificio e especialmente á egreja, cuja frontaria cahiu, matando muita gente. O incendio que se seguiu ao terremoto não causou menores estragos, pois ficaram queimadas imagens que ali havia de grande valor artistico, quadros magnificos de Bento Coelho, preciosos paramentos e alfaias incluindo um magestoso trono de prata e xarão, riquissimas lampadas em numero de vinte, das quaes só duas da capéla do Senhor dos Passos valiam dez mil cruzados etc.

A bibliotheca do convento, que era facultada ao publico, e possuia mais de 10:000 volumes além da reservada que contava uns 5:000 livros de obras raras e manuscritas, tambem se perdeu em grande parte com o incendio.

O convento foi abandonado temporariamente por parte dos frades que se refugiaram nos conventos de Santa Joana, S. Domingos de Bemfica, e no de Santarem; mas não tardou que se procedesse á construção do edificio, conforme o risco do arquiteto Carlos Mardel, conservando-se a capéla-mór e sacristia que escaparam do terremoto e que ainda hoje é a mesma, não desmerecendo a parte reedificada da antiga, em magestade e grandêsa. A capéla-mór é de bélos marmores com magnificas esculpturas, tendo aos lados do altar, em misulas, duas grandes estatuas de S. Domingos e de S. Francisco, bem esculpidas. Tem dois elegantes côros, em fórma de tribuna, com dois orgãos decorativos, dos quaes, um só, é verdadeiro, o do lado da epistola.

No cruzeiro ha duas capélas: a do Santissimo e a do Senhor dos Passos. No corpo da egreja destacam-se oito altares, quatro por banda, formados por grandes columnas de marmore, de ordem composita com os capiteis de madeira, e retabulos emmoldurando bélos quadros de Pedro Alexandrino.

Das pilastras do arco cruzeiro destacam-se dois elegantes pulpitos de madeira, decorados com talha dourada de delicado lavor. O têto da egreja, á altura não inferior a 30 metros, é de madeira em semicirculo com pinturas decorativas.

O templo recebe luz de tres grandes janellas do côro e de mais uma superior áquellas, em fórma circular, mas a claridade que dão é pouca em relação ao tamanho da egreja, o que a torna um tanto soturna, triste, tristeza que mais impressiona sabendo-se dos tragicos acontecimentos que se tem dado sob aquellas paredes, como adeante se dirá.

Pela supressão dos conventos foi a egreja de S. Domingos destinada para paroquia de Santa Justa e Rufina, cuja egreja estava arruinada, realisando-se a transferencia em 30 de novembro de 1834, com grande pompa e assistencia da Rainha D. Maria II.

O convento, que estendia suas edificações e cerca até á, já então Praça da Figueira, dando volta ao chamado largo da rua dos Canos, hoje rua Silva e Albuquerque, foi vendido e no seu terreno abriram duas ruas e se edificaram predios como os que guarnecem o lado norte da rua do Amparo, travessa Nova de S. Domingos e rua do mesmo nome, em prolongamento da rua das Galinheiras.

A egreja de S. Domingos é um dos maiores templos de Lisboa e quando, em 1863 a 1864, se fizeram obras na Sé de Lisboa, dali é que sahiu a procissão do Corpo de Deus. Noutros tempos a esta egreja ia a maior parte das procissões, como ainda hoje vae a de Nossa Senhora da Saude em cumprimento de um voto.

Neste grandioso templo se tem celebrado muitas solemnidades reaes, como casamentos e batisados de principes, desde tempos antigos até ao presente.

Se da egreja de S. Domingos se contam fastos que a engrandecem na historia, como de relance acabamos de vêr, é certo que acontecimentos bem tristes nella se passaram desde a sua fundação e que mais ou menos insistentemente ali se tem repetido.

Já fizemos breve relato dos estragos que o secular convento sofreu com as cheias e terremotos, que por tantas vezes quasi o destruiram; restanos referir outros factos tambem de triste memoria que ali ocorreram, principiando pelos tumultos do povo de Lisboa, para eleger regedor dos reinos de Portugal e Algarves, o mestre de Aviz, depois da morte de El Rei D. Fernando I, os quaes tiveram principio numa reunião realisada na egreja de S. Domingos.

A eleição popular do Mestre de Aviz poz em debandada os partidarios da rainha viuva D. Leonor Telles, os quaes fugindo do reino, escondiam os haveres que não podiam levar.

O regente ordenara que os tesouros encontrados e as propriedades abandonadas pelos fugitivos, revertessem em favor dos descobridores, e assim o povo se poz em campo a explorar essas riquezas devassando e pesquizando por onde entendia poder encontral-as. No tropel de suas diligencias foi descobrir um valioso cofre que estava escondido sobre a porta principal, do lado de dentro da egreja de S. Domingos, o qual fôra ali oculto pela condessa de Barcellos, mulher de João Affonso Tello, irmão da rainha viuva D. Leonor Telles.

Estes acontecimentos, porém, são de somenos importancia comparados com a horrorosa matança dos judeus que teve sua origem na egreja de S. Domingos.

A historia nos diz que, a 9 de abril de 1506, um domingo, algumas pessoas das que estavam na egreja de S. Domingos, julgaram vêr um sinal luminoso na imagem de Jesus que estava na sua capéla, atribuindo isso a milagre. Um cristão novo, porém, disse que esse sinal lhe parecia ser o reflexo da luz de uma candêa colocada ao lado da imagem.

Esta simples observação foi o bastante para os fanaticos se atirarem ao judeu arrastando-o pela egreja até á rua e, matando-o, o queimaram, em sumario auto de fé, no Rocio.

Assim teve principio a tristemente celebre matança dos judeus em Lisboa, no reinado de D. Manoel.

Triste coincidencia a dêste facto com a data e mais circumstancias do sucedido agora.

Abstemo-nos de contar todos os horrores da selvagem carnificina, que só naquelle dia sacrificou perto de 500 pessoas, não bastando isto para nos dias seguintes continuar com tanta ou mais ferocidade, fazendo maior numero de vitimas que subiram a cima de 2:000 entre homens, mulheres e creanças, não escapando nem os que se refugiavam na egreja e agarrados ás cruzes e imagens, mesmo assim eram chacinados e arrastados para fóra do templo pelo povo, que os lançava nas fogueiras acesas no Rocio.

O mais de notar é que tudo isto se fez sem que as autoridades da cidade interviessem a acabar com a horrivel carnificina.

D. Manoel I estava ausente de Lisboa, onde grassava a peste, e indo de viagem visitar sua mãe a Beja, soube em Aviz do que sucedia na capital, seguindo então para Evora para ali melhor se informar, veio para Setubal donde promulgou sentença, em que tanto condemnava os malfeitores como aquellas pessoas que não haviam ajudado as autoridades a reprimir e castigar os criminosos. Esta sentença, dada em 22 de maio daquelle anno, mandava que, além das penas corporaes a que devessem ser sujeitos os celerados conforme as justiças, lhes confiscassem todos os bens moveis e de raiz, para a corôa. Acabava tambem com a eleição dos mestres que compunham a Casa dos Vinte e Quatro e os quatro procuradores que faziam parte da camara municipal, etc., suspendendo desta forma as regalias do povo, que só dois annos depois lhe foram restituidas, para o que interveio a rainha D. Maria esposa de El Rei D. Manoel.

Estabelecida a Inquisição em Portugal, no reinado de D. João III, sucessor de D. Manoel, celebrou o Santo Oficio alguns autos de fé na egreja de S. Domingos

O malfadado templo tem sido em diferentes épocas teatro de tantos sucessos sangrentos, como vitima de cataclismos da natureza.

---

(1) Ainda a conhecemos com o nome de rua das Portas de Santo Antão que bem lhe quadrava, pois tirava o do uma das portas da cidade que ali foram, denominadas *Portas de Santo Antão*, que deitavam para o mar que, noutros tempos, até ellas chegava.

Interdição da Egreja de S. Domingos

FACHADA DA EGREJA

Em meio do seculo passado grande desacato se cometeu nesta egreja, de que encontramos noticia num opusculo publicado, em 1885, pelo Padre José de Sousa Amado sob o titulo *O respeito nos templos ou observações moraes e religiosas* etc. No referido opusculo lê-se:

«... Registamos aquelles (desacatos) que foram cometidos na noite de sexta feira santa 25 de março deste presente anno de 1853.» — Extrato do jornal *A Lei*: «Na sexta feira santa pelas 10 horas da noite, depois das cenas vergonhosas, que por alguns individuos, foram praticadas na egreja da Sé, acometendo quantas senhoras entravam e saíam, começaram tambem alguns a pertubar o socego nesta egreja de Santa Justa, insultando as sentinelas postadas no corpo da egreja, abaixo do trono do Senhor Jesus das Mercês, e este tumulto foi gradualmente crescendo, a ponto de ser preciso reforçar as sentinelas, porque os amotinadores queriam por força invadir a egreja com o fim que a irmandade ignora, não se contentando com os lógares que a irmandade a muitos destinava, e onde com alguma comodidade, por que faltava espaço, podiam presencear os actos religiosos, sendo para lamentar que entre os amotinadores se achassem alguns senhores oficiaes... Pelas 11 horas da noite cresceu o tumulto e insultos, a ponto de quebrarem alguns bancos, e envolverem com os destroços as sentinelas; outros puxando de punhaes e facas faziam tal alarido, e incutiam no povo pacifico tal terror, que foi forçoso acudir o resto da força armada para os conter, e suspender-se o oficio das trevas; porém não era possivel pôr um dique á torrente assoladora, que dominava o templo, porque ao mesmo passo que se provocavam os soldados dentro da egreja, eram acometidas as sentinelas das portas lateraes. Nestes momentos foram baldados todos os meios de persuasão, para que as senhoras se contivessem nos seus logares; porque cheias de terror invadiram a capéla mór, sacristia e mais oficinas interiores do templo, não se julgando seguras em parte alguma, e uma senhora que estava mais proxima dos amotinados, mostrou sinaes de violencia no pescoço, praticados por um individuo, que tentou apoderar-se de um cordão de ouro!!!»

No dia seguinte, sabado de aleluia, repetiram-se os mesmos tumultos, pelo que se abreviou o acto religioso, e a egreja ficou interdita.

Trinta e um annos depois, em 1884, no sabado de aleluia, outros tumultos houve na egreja de S. Domingos, provocados pela voz de fogo solta por mal intencionados com o fim do roubo, no meio da confusão e panico que se estabeleceu entre os assistentes, como de facto se praticou.

Desta desordem resultou serem muitas pessoas atropeladas e ficarem feridas, pelo que foi mais uma vez o templo interdito.

A este facto se refere tambem o citado opusculo do Padre Amado.

Mais recente ainda ali se tornaram a repetir desordens quando da procissão de N.ª S.ª da Saude, para o fim tambem de se praticar roubos, principalmente nas senhoras adornadas com objectos de ouro. Destas desordens, porém, não resultaram ferimentos que manchassem a egreja de sangue.

Eis o bosquejo que tentámos fazer da historia da egreja de S. Domingos, a que vieram juntar-se os acontecimentos do dia 5 deste mez, resultado da exaltação dos espiritos.

As eleições haviam corrido em boa ordem, quando, no fim da tarde, tendo de se guardar a urna para o acto eleitoral continuar no dia seguinte, se estabeleceu confusão entre parte dos eleitores, que desconfiaram que outros a queriam roubar em vez de ser colocada á porta da egreja com a respetiva guarda de tropa. Disto se originou grave conflito em que os soldados desparavam sobre o povo e este por sua vez desparou revolvers, indo as balas cravarem-se nas paredes do templo onde mortos e feridos jaziam já pelo chão.

Por isto se vê que em pouco mais de cincoenta annos, 1853 a 1908, foi a egreja de S. Domingos interdita tres vezes, continuando assim a sua triste historia secular.

C. A.

VISTA INTERIOR DA EGREJA

(Clichés Alberto Lima)

Incendio do teatro de S. João no Porto

ASPETOS DO TEATRO DE S. JOÃO DEPOIS DO INCENDIO DE 12 DO CORRENTE

(Fotografias do sr. Carlos Vieira)

Incendio do Teatro de S. João, no Porto

Em a noite de 11 para 12 do corrente foi o Porto alarmado pelo incendio que se manifestou no teatro de S. João, a primeira casa de espectaculos daquella cidade.

Sem que se recomendasse pelas belesas de sua arquitetura, especialmente exterior, era contudo, um edificio muito apreciado pela sociedade portuense que o considerava como centro de reunião, onde se encontrava e convivia nas noites de espectaculo.

Da sua historia nos diz o sr. Firmino Pereira, num estudo sobre os teatros do Porto, ha tempos publicado, o seguinte:

«Antes de 1762 pode dizer se que no Porto não havia theatro, pois não deve dar-se este nome a um sujo e desmantelado barracão, onde o celebre comico o *Esteireiro* provocava pançadas de riso á burguezia portuense. O theatro do Corpo da Guarda, que, pouco mais ou menos por aquella epocha foi inaugurado, não veio adiantar coisa alguma. Cultivava esse theatro, de preferencia, o genero italiano, exibindo operas de Pergholese, e outras coisas mais ou menos modeladas pela *Comedia sustenuta*, então muito em voga em Italia. A casa, porém, não offerecia condições de conforto, as companhias eram ruins, e as damas do velho burgo não se mostravam muito dispostas a amarrotar as suas sedas em tão reles e desmantelados barracões. O destino, portanto, d'esse theatro, estava definitivamente determinado.

O Porto, porém, carecia de um theatro, e havia de tel-o. Reedificado o theatro do Salitre, em Lisboa (1794), mais especialmente destinado ao genero dramatico, o corregedor da comarca do Porto, Francisco de Almada e Mendonça, julgou opportuno o momento para dotar a cidade com mais um edificio opulento. Homem de acção, espirito decisivo, caracter energico, traçou um plano para a edificação do theatro, e enviou-o ao governo para elle o sanccionar.

O ministro respectivo, José de Seabra da Silva, por aviso de 9 de outubro de 1794 devolveu-o devidamente approvado. O principal estava feito, e Francisco d'Almada, que não era homem para demoras, tratou immediatamente de obter os capitaes precisos para a realisação do seu patriotico pensamento. Reunidos os negociantes e capitalistas portuenses, foram, n'essa primeira reunião, subscriptas 313 acções, representando o capital de 31:300$000 réis. Isto passou-se em abril de 1796. Com aquelle dinheiro começaram as obras, segundo o risco traçado pelo architecto Vicente Marroneschi, que dirigira a construcção do theatro de S. Carlos, de Lisboa. Em outubro de 1797, estando aquella somma já extincta, e devendo-se mais de 8 contos e tanto, foram de novo convocados os accionistas, que entraram com as sommas precisas para se concluir o edificio que foi solemnemente inaugurado a 13 de maio de 1798, com a comedia *A vivandeira*, para celebrar os annos do principe regente D. João (depois el-rei D. João VI).

Para o theatro poder inaugurar-se n'aquelle dia, foi necessario prescindir da cornija de pedra, que devia circuitar o edificio, fazendo-se provisoriamente uma de madeira, que é a mesma que ainda hoje existe.

A administração do theatro esteve, até 1805, a cargo da Direcção e Provedoria do Porto, e quando Francisco d'Almada morreu, achava-se empenhada em 12 contos e tanto. Convocados os accionistas, nomearam uma commissão administrativa que procurasse extinguir aquelle *deficit* e explorasse o theatro de modo a dar um dividendo compensador. Estes desejos, porém, nunca foram satisfactoriamente realisados, e hoje, como então, o theatro vae-se aguentando como póde, sem dar interesse algum aos accionistas, que, de resto, sabem perfeitamente que d'alli nada tem a esperar, não porque as suas gerencias sejam desmaseladas, mas porque as condições especiaes da sua existencia não permittem desembaraçar-se dos encargos que o sobrecarregam.

Ha annos, e por intelligente iniciativo d'um dos directores do theatro, o sr. Manuel Vieira d'Andrade, foi o edificio completamente renovado, rasgando-se o bello, atrio que actualmente possue, e alterando-se a disposição interior, que ficou mais elegante e aceiada.

O theatro tem frisas, tres ordens de camarotes, superior, geral, balcão de 1.ª e 2.ª fila e galerias. Sem offerecer grandes commodidades ao espectador, pois que os nossos theatros enfermam todos dos mesmos vicios e defeitos, é a unica casa d'espectaculos que o Porto possue, bonita, alegre e distincta. Frequenta-o a primeira sociedade.

Pela sua scena tem passado os mais illustres e gloriosos artistas; nos seus camarins, acanhados, desconfortaveis, verdadeiros cubiculos onde escasseiam todas as condições hygienicas, desenrolouse muito drama de amor; no seu palco agitou se muita tempestade e desencadeou-se muita paixão ardente; na sua plateia, o odio, o ciume e o amor explodiram violentamente em ovações en-

O GENERAL RUSSO STOESSEL

CONDEMNADO Á MORTE

thusiasticas e em pateadas estrondosas; nos seus camarotes, muitas Leonores e Elviras, frementes de ternura, dardejaram olhares perfurantes para os Manfredos e Alfredos que, da ribalta, em attitudes delirantes, as atravessavam com outros olhares por onde scintillava toda a ardencia d'um desejo... Desde a sua fundação até hoje, quantas paixões não tem por alli passado!... Quantas borboletas não queimaram as suas azas, attrahidas por estranhos brilhos que as estonteavam?... Quantos corações não gemeram, agonisaram e expiraram, atormentados pelo ciume?...

Eu creio que poucos theatros como o nosso de S. João, tem mais romantica e pittoresca historia. Por alli tem passado todas as agitações, desde as produzidas pela politica, nos dias do cerco, até ás determinadas pelos olhos das cantoras e pelas pernas das bailarinas. O que alli se tem padecido! O que alli se tem penado! Desde a Giuntini até á Varesi, desde a Passerini até á Rossi-Caccia, desde a Dabedelhe até á Volpini, desde a Ponti até á Ortolani, quantas tragedias... e quantas farças não tem tido alli o seu prologo e o seu centro d'acção?.. Parece até que aos meus ouvidos chegam ainda os echos das glorificações ruidosas e triumphantes, e que, como na noite memoravel da festa de Rossi-Caccia, eu oiço ainda o bardo, de olhos em alvo, gritar, fremente de inspiração:

> Mortal ou deusa, que sublime és tanto,
> acceita em oblação. acolhe grata,
> os corações que enleva esse teu canto!»

Atualmente o teatro de S. João era propriedade de uma parceria formada pelos srs. Thomaz Martins, Lima Junior, Leopoldo Morão, Armando Vieira de Castro, José Ferreira Guimarães e Manoel Martins.

Esta parceria resolveu não reedificar o teatro, mas entra com o existente noutra qualquer sociedade que se proponha reconstruil-o.

O patriotico Club dos Fenianos Portuenses está muito interessado na construção de uma casa de espectaculos digna da segunda capital do reino, sendo de esperar que o seu emprehendimento se realise.

O general russo Stoessel condemnado á morte

Decorridos vão três annos que Porto Arthur se rendeu em 2 de janeiro de 1905, heroicamente defendido pelo general do exercito russo Stoessel.

Então foi justamente exaltado o heroismo deste general, que viu dia a dia cahir desmanteladas, arrasadas pela artilharia japonêsa as fortificações de Porto Arthur, até ali considerado inexpugnavel, chegando o inimigo aos fortes de San-Lung-Chan e Lung-Chu-Chan, com o que estava perdida toda a defesa do restante, tornando-se inutil o sacrificio de vidas na resistencia.

A situação dos defensores de Porto Arthur era desesperada, não por que lhe faltassem munições e armamentos, mas dos 20:000 homens que constituiam o exercito de Stoessel, 15:000 estavam impossibilitados pelas doenças, o que obrigava os 5:000 restantes a sustentarem incessante luta, sem treguas e para mais, mal e escassamente alimentados, chegando a ter por providencial o receberem ferimentos, para assim repousarem de tão longa fadiga.

Era esta a situação do general Stoessel quando reunio o estado maior para concertar as condições da capitulação, que foram aceites pelo general Nogi comandante em chefe do exercito japonês no ataque a Porto Arthur.

Foi uma capitulação digna, feita com todas as honras militares, prestadas a verdadeiros heroes que se rendiam depois de esgotados todos os recursos de uma resistencia sensata, em que pudesse haver algum vislumbre de esperança.

Toda a Europa reconheceu como um heroe o bravo general russo, mas nem por isso deixou de receiar pela sua sorte perante o conselho de guerra a que ia ser submetido.

Os receios confirmaram-se porque esse conselho, em cumprimento das leis militares e marciaes, acaba de condemnar á morte Stoessel.

As simpatias do mundo estão com elle como as dos seus proprios camaradas que o julgaram e sentenciaram, e agora só a clemencia imperial lhe poderá acudir, indultando o, conforme o desejo manifestado ao Czar pelos proprios que o condemnaram, obedecendo mais ao rigor da lei do que aos impulsos do seu coração.

Dura lex, mas quanta vez deshumana!

A revolução de Pirmasentz

POR A. KARR

IV

(Continuado do n.º 1054)

A' hora marcada compareceram no pateo do palacio umas cincoenta pessoas; vieram depois outras cincoenta para ver o que faziam os primeiros que chegavam, e o resto dos habitantes de Pirmasentz veiu tambem para ver o que faziam os segundos.

— Primeiramente, meus amigos, disse o principe Ricardo, vamos á nossa cerveja que está boa; foi agora mesmo tirada.

«Agora, digam, o que querem, o que veem pedir-me?

Silencio profundo da parte dos conjurados.

— Digam, continuou o principe, entremeti-me alguma vez com as vossas vidas, interrompi ou prohibi alguma vez as vossas festas, os vossos bailes? Importou me alguma vez saber o que praticam os meus subditos?

Novo silencio. Entretanto Henrique envergonhado, e ao mesmo tempo irritado pela mudez de seus companheiros, atreveu-se a murmurar:

— Abaixo os tyrannos!

— Abaixo os tyrannos! rosnaram os amigos de Henrique.

— Para que está o chefe do estado rodeado de sicarios e de janiseros? accrescentou Henrique já mais animado.

— Estou rodeado dos meus musicos, conforme costumo: os demais soldados foram-se talvez a passeiar.

— O povo reclama as suas liberdades, insistiu ainda Henrique.

— Ah! meu pobre Henrique, não sei o que o povo pode reclamar em um paiz onde o seu principe não exige nem reclama cousa alguma do seu povo.

— Nós queremos a liberdade de imprensa, gritou Henrique.

— Queremos a liberdade de imprensa! gritaram os amigos de Henrique.

— Liberdade de imprensa! gritou o povo.

Ricardo esperou tranquillamente que socegasse o tumulto, e disse, sorrindo-se:

— Que demonio querem fazer com a liberdade de imprensa n'esta terra?! Não ha imprensa alguma em Pirmasentz, e a maior parte dos habitantes não sabe ler...

— O povo saberá morrer combatendo pelos seus direitos, e garantias!

— Sim: nós saberemos morrer! gritou a turbamulta.

— Eu teria muita pêna se os visse morrer pelo que não percebem, nem jámais perceberão!

Durante este debate o Barão de Robrecht tinha mandado formar os soldados e fez cercar o pateo do palacio, e approximando-se do principe disse-lhe em voz baixa.

— Tenho a honra de prevenir a Vossa Alteza que o nosso exercito já cercou os facciosos, os quaes ficam todos prisioneiros.

— A! meu Deus, atalhou Ricardo, mas o que pretendes que eu faça dos taes facciosos prisioneiros? Não sabes que havia uma unica prisão em Pirmasentz, da qual fiz uma estufa para os meus ananazes? Deixa os taes facciosos e manda para casa os soldados.

— Porém, eu atrevo-me ainda a ponderar a Vossa Alteza que a sua segurança pessoal pede que...

— Não te dê isso cuidado, Robrecht, e faze o que te digo.

— Traição! exclamou Henrique, vendo o movimento dos soldados, o palacio do tyrano vae tingir se com o sangue do povo.

O principe fez um signal que ainda tinha que dizer, e o susurro serenou.

— Querem a liberdade da imprensa? Tel a hão; todos poderão escrever tudo o que lhes parecer. Que me importa isso?

— Viva a liberdade da imprensa! bradou Henrique. O povo repetiu os vivas, e todos se retiraram.

A' noite a symphonia ensaiada pelo principe foi tocada admiravelmente; valsou-se, e o principe dançou com Guilhermina.

Henrique redigiu um jornal manuscripto. A vida do principe era tão simples e regular que não se prestava absolutamente aos ataques da maledicencia. O Barão de Robrecht, porém, não era poupado. Os ministros sempre são mais aggredidos que as testas coroadas. O barão veiu tambem pedir a Ricardo permissão para escrever tambem um jornal.

— Já concedi a liberdade da imprensa, portanto escrevam todos o que quizerem.

O Barão de Robrecht e Henrique esmeravam-se, escrevendo os seus jornaes, cada um da sua côr politica. Os dois jornaes publicavam-se pela manhã. Mas como foi sempre costume em Pirmasentz deitar-se a gente muito cedo, e os dois copistas, que punham a limpo dois exemplares que se publicavam de cada jornal, declaravam que a noite tinha sido destinada para dormir e não para escrever, os dois redactores recorreram ao expediente de fazer trabalho adiantado, isto é, de dia faziam o jornal deixando um espaço em branco para se encher á noite com a noticia mais importante do dia; do modesto jornal de Henrique — Até quando o povo amordaçado soffrerá que o poder............ Que dirão a isto os tyrannos?!

Jornal do Barão de Robrecht:

— Todos os dias temos motivos para dever abençoar o nome do soberano que o ceu nos deu. Ainda hoje o principe........... Que dirão a isto os fautores da anarchia?!

A's ave-marias o angariador das noticias declarou que a unica novidade que poude saber foi que o principe tinha comido feijões verdes ao jantar.

Leu se no dia seguinte:

«Jornal de Henrique — Até quando o povo amordaçado soffrerá que o poder coma feijões verdes. Que dirão a isto os tyrannos?

Jornal de Robrecht. — «Todos os dias temos motivos para dever abençoar o nome do soberano que o ceu nos deu. Ainda hoje o principe comeu feijões verdes. Que dirão a isto os fautores da anarchia?»

Guilhermina mostrou os dois jornaes ao principe que riu, mas prohibiu a Robrecht de continuar o seu jornal de obra-feita.

Ricardo cada vez estava mais endividado; Mr. Roseville despediu se uma bella manhã á franceza: desapareceu sem dar satisfações.

O principe viu-se obrigado a licenciar o seu exercito, e portanto acabou a banda que era todo o seu enlevo, abaixo de Guilhermina, a qual tambem por infelicidade estava ausente; tinha partido para casa de uma tia que estava doente e reclamara a companhia da sobrinha.

Por este tempo a cidade de Pirmazents continuava a proseguir na via do progresso.

Certa manhã vieram em grande tumulto pedir a Ricardo auctorisação para plantar uma arvore da liberdade.

— Sim; acho bom: plantem quantas arvores lhes parecer. Quem planta uma arvore pratica uma boa acção. E se é permitido que uma arvore da liberdade dê fructo, bom seria que plantassem uma macieira, ou uma ginjeira.

Reuniram se na grande praça de Pirmasentz.

— Meus amigos e cidadãos, olhae como nós sabemos arrancar todos os privilegios da decrepita tyrannia. Viva a liberdade! Qual ha de ser a arvore que vamos plantar?

Um grande barulho se levantou; cada um queria a arvore da sua predilecção.

— Um carvalho.

— Um cypreste.

— Um marmelleiro.

— Uma videira.

A discussão animou-se, seguiu-se grande algazarra e trocaram-se entre os cidadãos alguns soccos e pontapés. Finalmente decidiram que o carvalho fosse a arvore da liberdade, e em acto successivo correram a arrancar a primeira arvore d'este genero que encontraram. O dono pretendeu oppor se. Ameaçaram que o enforcariam na sua propria arvore. E n'estas contendas se passou o dia. Era já noite quando plantaram a arvore da liberdade. Henrique ordenou que todas as casas de Pirmasentz se illuminassem em signal de regosijo. Quebraram, ás pedradas, os vidros das janellas que não tinham luminarias. Dançaram á roda da arvore da liberdade, e cantaram se pela noite adiante varias canções e hymnos patrioticos; tudo da lavra do estudante.

No dia seguinte, logo pela manhã, o judeu foi prevenir o principe que, tendo já expirado o praso para pagamento da sua divida, ia proceder-se á venda do palacio hypothecado.

Na mesma occasião o parque e as avenidas do palacio encheram-se tumultuosamente de gente gritando como possessos. Eram os habitantes pacificos de Pirmasentz de uma parte, e da outra parte os partidarios de Henrique.

Todos gritavam e fallavam ao mesmo tempo.

— Justiça! Diziam uns

— Viva a liberdade! exclamavam outros.

— Não queremos a liberdade de quebrar vidros!

— Viva a illuminação!

— Não queremos a liberdade de arrancar arvores!

— Viva o povo!

— Viva o socego!

— Fraternidade, ou morte!

— Pois bem, gritou Ricardo de uma das janellas do palacio, eu vou considerar todos esses negocios e assumptos importantes, e amanhã darei a resposta. Pódem retirar-se.

(Continúa.)

(Trad.) F. S.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XIV

(Continuado do n.º 1054)

Apoz este breve passeio em que poucas novas pude dar ao leitor, eis-nos chegados defronte do edificio da Imprensa Nacional, deixando primeiramente á direita a velha olaria da rua, com a sua frontaria de azulejos e o seu estendal de alguidares, bilhas, tachos, pucaros e outros produtos, menos faceis de mencionar conspicuamente, dando ao sitio o aspecto pitoresco de feira de provincia.

O velho edificio, meio demolido, vae em breve desaparecer. As paredes esbarrondadas e feridas de morte pelas picaretas do progresso vão abrindo-se aos poucos n'um desmoronar que compunge os evocadores, que vêem nelle mais alguma coisa do que um tropeço inutil que a civilização esmaga sem hesitar. O novo edificio em construção nem ao menos, pelos primores arquitetónicos, nos consola da perda. E' um casarão sem estilo, sem gosto, que nem ao menos tem o incanto da simplicidade despretenciosa.

Para aquário, estava bom. Vejamos como e quando se concluirá a fachada para a rua da Escola.

* * *

Antes de entrar no estudo, propriamente dito, do predio quatro vezes secular, torna-se mister remontar ao labirinto dos nobiliarios.

Vejamos o que nos dizem esses livros, indispensaveis e preciosos, da familia dos senhores do velho solar.

* * *

1.) *João Alvares Soares*, da Amieira, de Meira ou de Almeida, pois todos estes apelidos se lhe atribuem, viveu, com grande fazenda, no logar do Tojal nos principios do seculo XVI. Teve o praso chamado dos Moinhos e nas suas casas, como eram as melhores do sitio, diz Alvares Pedrosa, se hospedava a rainha D. Catharina quando ia de viagem para Almeirim. Do seu casamento com Maria Calado, filha de um tal João Martins do Rio e neta de outro do mesmo nome teve ella seis filhos e três filhas. Estas casaram todas e da sua descendencia não ha para que se conte. Dos rapazes, um foi desembargador e procurador da Real Fazenda na India, outro abade em Rates, um terceiro morreu solteiro e os outros três que casaram e tiveram geração, chamaram-se, por ordem de idades, André, Christovam e Pedro.

João Alvares Soares, jaz na igreja de Santo Antonio do Tojal e a sua sepultura tem um epitáfio, que diz:

AQUI JAZ JOÃO ALVARES SOARES
CAVALEIRO DA CASA DE EL REY.

* * *

2.) O primogenito, *André Soares*, sucedeu na casa e bens de seu pae e no prazo que foi renovado em 29 de julho de 1539. Veio assentar morada em Lisboa, deixando a terra natalicia e subiu, em breve, os degraus mais propicios da fortuna.

A Rainha D. Catharina, em atenção talvez á boa hospedagem de seu pae, nomeou-o moço da sua camara. Serviu depois de feitor em Flandres e á volta foi nomeado secretario das mercês. Muitos casamentos deviam ter saido ao moço de camara da Rainha, abastado de bens e de honras. Foi a escolhida entre essa provavel legião de pretendentes D. Maria Botelho, filha de Manoel Salema e de D. Catharina Botelho. Nove filhos vingaram deste matrimonio, os quaes, por ordem de nascimento foram: Manoel Soares, de que já vamos tratar; Sebastião Soares, que serviu em Tanger e morreu em Alcacer-Kibir; André Soares, que não teve geração; Diogo Soares; Lopo Soares, que sucedeu no prazo dos Moinhos e morreu sem geração; João Alvares Soares, cavaleiro de Malta; Antonio Soares, frade cruzio e duas senhoras que foram freiras.

(Continúa.)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

O MEZ METEOROLOGICO

Março 1908

Barometro. — Max. altura 773^{mm},5 em 7.
» Min. » 753^{mm},7 em 19.
Thermometro. — Max. altura 20°,7 em 31.
» Min. » 5°,2 em 2.

O mez foi em geral frio e ventoso. Apenas o dia 31 foi mais quente.

Chuva. — 48^{mm},7 em 11 dias.
Vento dominante. — N.
Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 15 dias.
» Nublado 14.
» Encoberto 2.
Temp. media externa — 14°,62 em 31. 8°,10 em 2.

UM ANJO SEM AZAS

Composto e impresso na typographia da Parceria Antonio Maria Pereira, acaba de ser posto em circulação o romance do titulo que encima estas linhas, o segundo da Galeria Provinciana, de que é auctor creador o bacharél Solano d'Abreu, que julgo haver estado no seminario de Coimbra, em tempo em que eu tambem era *formigão*, e até, se não me engano, foi atacado pelo typho.

Não tivemos, porém, relações, a ser assim, por pertencer cada um de nós a differente perfeitura.

O romance *Um Anjo Sem Azas* forma um volume de 371 paginas de leitura elucidada pela presença de estampas significativas de José Motta. Do que seja a materia do mesmo romance vão avaliar os leitores pelo indice dos respectivos capitulos que passo a transcrever:

«Nos braços dos eleitores; Um padre não é de pau; Um duello a valer; Tempestade e bonança; Hoje *flirta-se;* Um pai da patria em fabrico; A Divina Escultura; Ao soalheiro; Pro pudor!; Tetrico! Pavoroso; ...nem de barro á porta; A varanda de Julieta; De Fraga... *oblige;* A cidade que se desnuda; Na Praça da Figueira; A senhora Gertrudes vinga-se; As Lampreões; A sorte grande; Lua de melaço; No paiz dos automatos; «Busca honra Todo o Mundo e Ninguem busca virtude»; Na recepção; O peco das mulheres; O ovo de Colombo; Blasphemia.»

São vinte e cinco quadros da vida real nos seus ridiculos e nas suas manhas, em que se apresentam em scena typos genuinos de que, certamente, cada leitor conhece exemplares de carne e ôsso.

A linguagem é portugueza e de boa lição e n'ella se encontram grandissimas verdades de effeito moral a par com outras grandissimas verdades de fina observação individual.

Existem no romance retratos eximios e estylo de caustica légitimidade muito applicavel a numerosos concidadãos nossos.

Eis o meu juizo da obra ultima de Solano d'Abreu, que sabe aproevitar para uso util a sua residencia fora da cidade.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

SARAU DE «SPORT»

NO PICADEIRO GAGLIARDI

Teve todos os atrativos de uma verdadeira festa de *sport* o sarau de equitação que se realisou no dia 8, no picadeiro do sr. João Gagliardi, o bem conhecido e antigo professor de equitação, muito estimado na nossa melhor sociedade, tanto por seus meritos proficionaes, como por seu belo caracter, e que ha muitos annos tem estabelecido o picadeiro na rua de D. Pedro V, onde tem ministrado conhecimentos da arte hipica desde os rudimentares até á alta escola.

Promoveu o sarau um grupo de amigos do distinto e reputado professor, composto dos srs. Antonio Palha Blanco, Conde das Galveias, D. Antonio Siqueira (S. Martinho), Henrique da Rocha Ferreira e D. Luis do Rego, patrocinado por algumas antigas discipulas do sr. Gagliardi, as sr.^{as} D. Palmira Folque de Oliveira Feijão, Condessa de Porto Côvo, D. Maria Monteiro de Almeida, D. Maria Henriqueta de Vasconcellos de Sousa Coutinho (Borba), D. Maria Emilia Taborda Trigueiros de Martel e D. Madalena Trigueiros de Martel Patricio.

Sob tão bons auspicios a festa não podia deixar de ter o brilho e distinção que em verdade a revistiu, concorrendo a ella o escol da sociedade lisbonense a convite muito gentil dos promotores do sarau. A galeria e bancadas do vasto picadeiro da rua de D. Pedro V, encheram-se de convidados, onde sobresahiam as senhoras com suas elegantes *toilettes*, gentilesa e formosura, sendo tanta a concorrencia que grande parte dos homens assistiram de pé em volta da arena por não caber nos logares destinados.

O programa executado foi o seguinte:

Exercicio de equitação ao trote, pelos discipulos os srs. Pedro Macieira, Pedro Pereira, Ermelindo dos Santos, Alexandre Fernandes, Carlos Tavares e Fidanza.

Lição á discipula a sr.ª D. Maria Amelia de Castro.

Esgrima, assalto de espada sob a direcção do distincto professor o sr. Antonio Martins pelos srs. Alvaro Canongia e Fernando Bordallo Pinheiro, alumnos do Centro Nacional de Esgrima.

Rudimentos de equitação aos meninos João e Victor Melleiro. Lição aos discipulos Jorge e José Serpa Pinto Moreira.

Exercicios de equitação, pelas sr.^{as} D. Maria Henriqueta Falcão de Vasconcellos, D. Sarah Çazaleiro Tavares, D. Eliza de Castro e D. Maria Amelia da Fonseca e os srs. Jacintho Falcão de Vasconcellos, D. Fernando de Sousa Coutinho

JOÃO GAGLIARDI

(Redondo e Vimioso), Pedro Macieira e Luiz Falcão de Vasconcellos. Contradança pelos mesmos.

Saltos, pelas sr.as D. Maria Henriqueta Falcão de Vasconcellos, D. Sarah Cazaleiro Tavares, D. Maria Amelia da Fonseca, D. Eliza de Castro e D. Maria Amelia de Castro.

Athletica, pelos srs. Ricardo Malhou Durão e Joaquim Montez.

Saltos, pelos srs. José Street de Arriaga e Cunha (Carnide), Pedro Macieira, Jacintho Falcão de Vasconcellos, D. Fernando de Sousa Coutinho (Redondo e Vimioso), Alexandre Fernandes. Pedro Pereira, Ermelindo dos Santos, Carlos Tavares, Fidanza, etc.

Os exercicios de equitação foram primorosamente executados, despertando os aplausos dos espectadores, especialmente a *contradança*, os *saltos* e *rudimentos de equitação* pelos meninos João e Victor Melleiro, duas crianças de 5 e de 7 annos.

Esta diversão foi tão agradavel ás pessoas que a ella assistiram, como o terá sido para o distinto professor Gagliardi, visto que a maioria dos amadores que nella tomaram parte, eram seus discipulos que muito o honram.

Um bello sexteto tocou durante os exercicios, o que alegrou a festa, onde não faltavam tambem flôres a decorar o recinto, como primicias da primavera que já vem a engalanar este jardim do extremo occidental.

1.º plano — Victor Melleiro e João Melleiro

2.º plano — José de Serpa Pinto, D. Maria Amelia da Fonseca, D. Maria Henriqueta Falcão de Vasconcellos, D. Maria Amelia de Castro, D. Elisa de Castro, D. Sarah Cazaleiro Tavares, Jorge de Serpa Pinto.

3.º plano — Fidanza, Pedro Macieira, Carlos M. Tavares, D. Fernando de Sousa Coutinho (Vimioso), João Gagliardi, Jacintho Falcão de Vasconcellos, Ermelindo dos Santos, Luiz Falcão de Vasconcellos, Pedro Pereira.

GRUPO DE DISCIPULOS DO PROFESSOR SR. JOÃO GAGLIARDI E AMADORES DE EQUITAÇÃO QUE TOMARAM PARTE NO SARAU DE «SPORT» NO PICADEIRO GAGLIARDI

(Cliché do sr. Alberto Lima)

PUBLICAÇÕES

Historia da Litteratura Portugueza. Mendes dos Remedios. — F. França Amado, editor. — Coimbra, 1908.

O presente volume de 675 paginas de texto, constitue a 3.ª edição da obra e revela da parte do illustre auctor o escrupuloso amor de aperfeiçoamento com que continua a proseguir no seu empenho de utilidade estudiosa.

Um additamento ao Instituto. *(Revista Scientifica e Litteraria)*, por Antonio Cabreira. — Volume 54.º, Coimbra, 1907. — Composto e impresso na typographia Bayard. — Lisboa, 1908.

Este additamento conclue os artigos iniciados pelo auctor no *Instituto* sob o titulo de *A propós des mathématiques em Portugal.*

Antonio Cabreira ahi sustenta com firmeza de argumento as suas proposições na sciencia exacta por excellencia contra a critica produzida pelo sr. Rodolpho Guimarães.